

## **PEDOFILIZAÇÃO, VIOLÊNCIA SEXUAL E O FASCÍNIO MASCULINO SOBRE OS CORPOS INFANTO-JUVENIS**

Monise Gomes Serpa<sup>1</sup>, Jane Felipe<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo teve como objetivo analisar como crianças e adolescentes do gênero feminino, vítimas de violência/abuso/exploração sexual, vivenciaram experiências de forte investimento erótico de homens adultos e/ou idosos sobre os seus corpos. Propôs também questionar como o prazer e o desejo sexual de homens por mulheres mais jovens e pobres atrelam-se aos exercícios de poder interpelados pelos marcadores geracionais e de classe social, a partir do referencial teórico dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais, em uma perspectiva pós-estruturalista. O material de análise partiu de entrevistas com duas adolescentes, de 12 e 14 anos, abrigadas em uma instituição e um inquérito policial pertencente à delegacia especializada para crianças e adolescentes de Porto Alegre/RS. O forte investimento erótico no corpo jovem feminino, propagado em grandes mídias e praticado por homens mais velhos com algum poder aquisitivo, é aqui analisado a partir das pedagogias de gênero e de sexualidade. Tais processos, desde muito cedo inscritos nos corpos femininos, desconsidera a subjetividade e a condição de desigualdade geracional e de classe social de meninas e mulheres. Assim, torna-se fundamental para o enfrentamento das violências sexuais contra crianças e adolescentes, tensionar os processos de pedofilização e os seus efeitos perversos na constituição das feminilidades.

**Palavras-chave:** Gênero, Pedofilização, Violência Sexual, Infâncias, Adolescência.

## **PEDOPHILIZATION, SEXUAL VIOLENCE AND MALE FASCINATION WITH CHILD AND YOUNG BODIES**

### **ABSTRACT**

This article aims to analyze how female children and adolescents, victims of sexual violence/abuse/exploitation, have experienced intense erotic investment by adult

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela UFRGS. Participa do Núcleo de Pesquisa Grupo de Estudo em Educação e Sexualidade, da Pós-Graduação na FACED, UFRGS.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela UFRGS e Pós-Doutora pela Universidad de Barcelona. Professora titular aposentada da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS).

and/or old men in their bodies. It also proposes to question how the pleasure and sexual desire of men for younger and poorer women are linked to the exercises of power inquired by generational and social class markers, from the theoretical reference of Gender Studies and Cultural Studies, in a poststructuralist perspective. The analysis material came from interview with two adolescents, aged 12 and 14, sheltered in an institution, and a police investigation belonging to the specialized police station for children and adolescents in Porto Alegre/RS. The intense erotic investment in the young female body propagated in large media such as older men with high purchasing power permeated it is analyzed here from the perspective of gender and sexuality pedagogies. Such processes, from very early, inscribed in female bodies, disregard their subjectivity and their condition of generational and social class inequality of girls and women. Thus, it becomes essential to confront sexual violence/abuse/exploitation against children and adolescents, stressing the processes of pedophilization and its perverse effects on the constitution of the young girls femininity.

**Keywords:** Gender, pedophilization, sexual violence, childhoods, adolescence.

## PEDOFILIZACIÓN, VIOLENCIA SEXUAL Y LA FASCINACIÓN MASCULINA POR LOS CUERPOS INFANTO-JUVENILES

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar como niñas y adolescentes del género femenino, víctimas de violencia/abuso/explotación sexual, han experimentado fuertes inversiones de contenido erótico de hombres adultos y/o viejos sobre sus cuerpos. Propone además cuestionar cómo el placer y el deseo sexual de hombres por mujeres más jóvenes y pobres se vinculan a los ejercicios de poder interpelados por los marcadores generacionales y de clase social, desde el marco teórico de los Estudios de Género y de los Estudios Culturales, en una perspectiva postestructuralista. El material de estudio provino de dos adolescentes, de 12 y 14 años, alojadas en una institución y una investigación policial perteneciente a la comisaría especializada en niños y adolescentes de Porto Alegre/RS, La fuerte inversión erótica en el cuerpo femenino joven, propagadas por los grandes medios de comunicación e los hombres mayores con alto poder adquisitivo, se analiza aquí desde las pedagogías de género y sexualidad. Tales procesos desde muy temprano, inscritos en cuerpos femeninos, desconocen su subjetividad y su condición de desigualdad generacional y de clase social de niñas y mujeres. Así se vuelve imprescindible enfrentar la violencia/abuso/explotación sexual contra niños y adolescentes, destacando los procesos de pedofilización y sus efectos perversos en la constitución de la feminidad de niñas jóvenes.

**Palabras clave:** Género, pedofilización, violencia Sexual, infancias, adolescencia.

## 1. INTRODUÇÃO: SITUANDO O TEMA

O presente artigo teve como objetivo analisar como crianças e adolescentes do gênero feminino, vítimas de violência sexual, vivenciaram experiências de forte investimento erótico de homens adultos e/ou velhos sobre os seus corpos. Propôs também questionar como o prazer e o desejo sexual de homens por meninas e mulheres mais jovens e pobres atrelam-se aos exercícios de poder interpelados pelos marcadores geracionais e de classe social. Para isso, pretendeu-se trazer para análise os olhares de meninas institucionalizadas em um abrigo pertencente à rede de Proteção Especial de Alta Complexidade do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e de registros documentais em processos arquivados na delegacia especializada para casos de violência contra crianças e adolescentes em Porto Alegre/RS.

A perspectiva teórico-metodológica deste artigo parte dos estudos sobre Corpo, Gênero e Sexualidade, realizados pela linha de pesquisa *Educação, Sexualidade e Relações de Gênero*, especialmente no eixo temático *Infâncias, Gênero e Sexualidade*, e pelo GEERGE - Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tais estudos e pesquisas se pautam teoricamente pelos Estudos de Gênero e Estudos Culturais, tendo como destaque um dos conceitos importantes para se pensar o lugar do corpo jovem feminino como foco de investimento erótico, a saber: o conceito de pedofilização como prática social contemporânea, cunhado pela pesquisadora Jane Felipe (2002, 2016, 2018), no intuito de ampliar, problematizar e diferenciar a discussão sobre pedofilia, entendida como uma patologia da sexualidade, uma doença a ser tratada pela via biomédica, nos corpos de homens e mulheres que assim a cometem. O conceito de Pedofilização, diferente do conceito de pedofilia, traz para a discussão social e cultural os investimentos realizados por diversos segmentos, dentre eles os discursos midiáticos,

publicitários, a indústria do entretenimento, dentre outros, que colocam os corpos femininos infantis como objetos de desejo e consumo.

Dentro de uma sociedade de espetacularização do corpo e da sexualidade, em que a lógica do consumo se faz presente em todas as esferas, nada como visibilizar também os corpos infanto-juvenis. Portanto, o conceito de pedofilização surge não como sinônimo de doença, mas procura analisar e entender a dinâmica dessas contradições sociais em torno da erotização dos corpos infantis em sua complexidade (IZIDRO; FELIPE, 2018, p. 26).

Trata-se, portanto, de entender o quanto as pedagogias de gênero e sexualidade vão construindo lógicas reiteradas, desde a mais tenra idade, de que os corpos jovens de mulheres são mais passíveis de desejo, de visibilidade, de sucesso/felicidade (FELIPE, 2016). Nos homens, a sexualidade deve ser exposta, explicitada em ambientes públicos, como forma de exercício das masculinidades cis-heteronormativas. Sobre o conceito de cis-heteronormatividade, ele tem sido amplamente utilizado para chamar atenção sobre as relações de poder que tentam operar com uma perspectiva idealizada de gênero e sexualidade, de modo a regular e normalizar as condutas, institucionalizando-as e horizontalizando-as (XAVIER, 2023). Fernando Seffner (2003, p. 157), por exemplo, chama atenção para a invisibilidade da norma e do silenciamento “sobre os mecanismos que nos fazem tomar algumas identidades (a identidade de gênero heterossexual, por exemplo) como comportamentos que não precisam dizer de si, não precisam ser problematizados”. Segundo ele, tal invisibilidade seria condição importante de sua eficácia.

Conforme Felipe (2006), nas concepções sobre as masculinidades heterossexuais, os homens são vistos, muitas vezes, como possuidores de uma sexualidade incontrollável, “instintiva”, como se vivessem em estado permanente de desejo por sexo. Retê-los em seus desejos seria tarefa das mulheres (que não deveriam “provocá-los”, por exemplo). No entanto, apesar de ainda convivermos com tais concepções, já existem leis que colocam a importunação sexual como crime, graças aos movimentos feministas que se têm mobilizado nas últimas décadas para discutir este problema dos vários tipos de violência contra as meninas e mulheres. Mesmo assim, muitas das pedagogias de gênero e sexualidade, que se pretendem hegemônicas, são

contundentes em disseminar a culpabilização da mulher e a desresponsabilização dos homens em caso de violência sexual, como é possível observar em vários casos amplamente noticiados pela imprensa brasileira.

Um dos casos mais recentes ocorreu com uma menina de 11 anos que foi estuprada e engravidou dessa relação violenta. Ao procurar o direito previsto em lei pela interrupção da gestação, uma juíza de Santa Catarina, ao entrevistar a menina, perguntou se “o pai do bebê” (leia-se: o estuprador) concordaria com a entrega para adoção<sup>3</sup>. É, no mínimo, estarrecedor pensar que os próprios agentes públicos, que deveriam cumprir a lei, não raras vezes interpretam os fatos, neste caso, as consequências da violência sofrida por uma criança, de acordo com suas concepções morais e religiosas, ignorando a constituição, que reitera o estado como laico.

Em um estudo feito por Rost e Vieira (2015), sobre a repercussão de um caso de assédio sexual envolvendo a entrevistadora Nicole Balhs (da Rede TV) e o diretor de teatro Gerald Thomas, ocorrido há alguns anos atrás, expõe o quanto, nas narrativas de internautas que comentaram o caso, a entrevistadora foi responsabilizada pela violência sofrida. Os argumentos se voltavam para o modo dela vestir-se e expor o corpo, sendo chamada por alguns internautas de “gostosona”. Desse modo, os comentários remetiam à ideia de ser “compreensível” a atitude do diretor diante da moça. Tais lógicas não são amenizadas nem mesmo quando estão envolvidas meninas e mulheres jovens, que, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), devem ser protegidas pelo Estado, pela família e pela comunidade.

Em maio de 2019 um estupro coletivo sofrido por uma adolescente de 16 anos, no Rio de Janeiro, por 33 homens<sup>4</sup>, causou ampla repercussão nas grandes mídias, especialmente nas virtuais, pois além da violência sofrida, alguns dos envolvidos filmaram, fotografaram e divulgaram nas redes sociais a violência cometida contra a jovem. Tais imagens vinham acompanhadas de mensagens nas quais eles se vangloriavam pelo ato. Já a jovem teve sua vida exposta, seu passado investigado no

---

<sup>3</sup> Matéria disponível em <https://theintercept.com/2022/06/20/video-juiza-sc-menina-11-anos-estupro-aborto/> acessado em 16 de julho de 2022.

<sup>4</sup> Matéria disponível em <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/vitima-de-estupro-coletivo-no-rio-conta-que-acordou-dopada-e-nua.html> acessado em 31 de maio de 2022

intuito de buscar em seus atos e em sua história razões que justificassem a violência sofrida.

Retomando o conceito de pedofilização, ao discuti-lo, Jane Felipe (2016), por exemplo, sinaliza as práticas contraditórias na nossa sociedade, que, ao mesmo tempo em que cria leis e políticas de proteção em favor de crianças e adolescentes, promove uma exacerbada erotização dos corpos infanto-juvenis em diversos contextos, em especial nos ambientes midiáticos. Segundo a referida autora, por meio do desenvolvimento do ciberespaço, a pedofilia e a pedofilização ganharam um território fértil para seu exercício e divulgação, especialmente a partir do desenvolvimento de novas tecnologias, em que é possível alterar e criar imagens, como de corpos adultos para infantis, fazer animações, inclusive em 3D (QUAYLE; LOOF; PALMER, 2008). No Japão, por exemplo, um tipo de mangá chamado de *lolicon* (jargão japonês para nomear o que chamam de complexo de Lolita, em referência ao personagem de Vladimir Nabokov), foi criado para burlar as infrações penais naquele país. Nesse material, são comuns as imagens de crianças com uniformes escolares e/ou mulheres adultas que se fantasiam de crianças ou trazem elementos do que pode ser considerando próprio do mundo infantil, sendo estupradas ou em cenas sadomasoquistas. Já no Brasil, segundo a organização ChildFund Brasil, o país ocupa o segundo lugar no *ranking* de exploração sexual de crianças e adolescentes, com aproximadamente 500 mil vítimas ao ano<sup>5</sup>. Calcula-se que 320 crianças e adolescentes são explorados sexualmente por dia, porém tais estatísticas podem ser ainda maiores pela dificuldade em se denunciar tais violências: estima-se que apenas 7 em cada 100 casos são denunciados. Além disso, cabe pontuar que 75% das vítimas são meninas e grande parte delas é negra.

De acordo com Felipe (2006), outra grande expressão da erotização no Brasil tem sido a música, tanto nas letras como nas danças, em vários estilos musicais brasileiros. É possível observar em determinadas letras a exaltação dos corpos femininos infanto-juvenis, nomeados como “novinhas”, trazendo o marcador geracional como condição para o investimento afetivo-sexual masculino. Outro exemplo de música citada pela autora é a composição feita por um grupo de *rock*

---

<sup>5</sup> Matéria disponível em: <https://www.childfundbrasil.org.br/blog/brasil-ocupa-segundo-lugar-em-ranking-de-exploracao-infantil/> acessado em 16 de julho de 2022.

gaúcho, chamada *Por que não?*, em que o desejo de um adulto por uma menina é enaltecido, pois a letra sugere uma ligação consanguínea e também afetiva entre o homem e a menina, conforme citado: “*Teu sangue é igual ao meu, teu nome fui eu quem deu, te conheço desde que nasceu!*”. A música prossegue trazendo o seguinte questionamento: “*Por que não?*”, pergunta que dá título à música.

Ainda nessa temática, outra música que obteve bastante sucesso foi a do grupo de rock Raimundos, chamada *Me lambe*. Nessa música, é possível visualizar como uma determinada imagem de corpo infantil pode despertar desejo sexual em homens adultos. Mesmo quando a personagem é descrita fazendo uso de boneca, é também sinalizada a sua capacidade de erotizar, pois “*já sabe rebolar e hoje em dia quem não sabe?*”, mostrando assim o quanto tal modo de exercer uma feminilidade erotizada faz entranhada parte de nossa cultura, sendo continuamente incentivada. Apesar do personagem masculino, nessa música, ter sido punido, chama atenção o discurso do policial ao mencionar, no ato da apreensão, que, apesar de ter consciência de estar exercendo a lei, diz que, se estivesse no lugar do apreendido “*faria tudo igual*”, reiterando não só este lugar de uma masculinidade agressiva, como de uma cumplicidade entre os pares.

Desta maneira, ser por um lado os homens são valorizados e reconhecidos enquanto “machos” pela manifestação do seu desejo sexual explícito, mesmo em situações envolvendo crianças e adolescentes, as meninas são reconhecidas enquanto mulheres quando ocupam o lugar de visibilidade e reconhecimento pela via da erotização. Em um estudo realizado com adolescentes em situação de exploração sexual, ao se darem conta do investimento oferecido ao seu corpo jovem, passam a fazer uso desta condição para obterem olhares e investimento afetivo-sexual (SERPA, 2018). O documentário “*Um crime entre nós*”, lançado em 2020, também levanta essa questão, mostrando depoimentos de várias pessoas, que acabam por culpabilizar a menina e não o agressor.

A constituição da feminilidade e do seu reconhecimento, enquanto tal, pode atribuir às mulheres a ideia de que seus corpos e sexualidade estão à mercê do desejo masculino, cabendo, assim, o esforço para que esse olhar permaneça e se perpetue. E

no caso de crianças e adolescentes, tal condição se maximiza quando elas passam a entender o lugar de relevância do seu corpo, enquanto jovem, conferindo, por um lado, uma condição de poder, mas por outro as colocando em situação de vulnerabilidade frente à violência sexual. E no caso de homens adultos, legitima-se o desejo por corpos jovens como um exercício de suas masculinidades, que, em situações de violência sexual, não só se valem do poder estabelecido pela condição geracional, como também pela situação financeira. Assim, neste artigo abordaremos o forte investimento impulsionado por homens adultos sobre os corpos de crianças e adolescentes do gênero feminino em situações de violência sexual.

## 2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Pesquisar um tema tão difícil e delicado requer muitos cuidados, especialmente em relação aos aspectos éticos da investigação. Como apontam as pesquisadoras Dagmar Estermann Meyer e Marlucy Alves Paraíso (2012, p. 16), entendemos aqui metodologia “como um certo modo de perguntar, de interrogar, de formular questões e de construir problemas de pesquisa que é articulado a um conjunto de procedimentos de coleta de informações”, a partir de uma perspectiva pós-crítica e pós-estruturalista. Ainda segundo as referidas autoras, tais compreensões teórico-metodológicas “colocam em xeque nossas verdades e nos auxiliam a encontrar caminhos para responder nossas interrogações. [...] movimentamo-nos, em síntese, para multiplicar sentidos, formas, lutas (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 17).

Dentre os materiais utilizados para a análise, destacamos neste artigo as narrativas de duas adolescentes, Pâmela e Laura (nomes fictícios), que, por terem sido vítimas de violência sexual, estavam abrigadas em uma instituição pertencente aos serviços de Proteção Especial de Alta Complexidade em Porto Alegre/RS, durante 3 meses de acompanhamento<sup>6</sup>. Além disso, analisamos um inquérito policial dentre os

---

<sup>6</sup> O acesso ao abrigo foi permitido após a apresentação do projeto da pesquisa às profissionais da equipe técnica da instituição. Após o aceite, foi assinado o Termo de Concordância da Instituição e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a responsável legal das crianças e adolescentes. Foi apresentado, lido e explicado o Termo de Assentimento e após a assinatura das interlocutoras foi feito

casos notificados de exploração sexual durante os anos de 2011 e 2013, já encerrados pela polícia especializada em casos de violência contra criança e adolescente no Rio Grande do Sul, localizada em Porto Alegre.

Em relação às duas interlocutoras deste estudo, Pâmela tinha 12 anos e estava no abrigo desde os nove anos, cursava a 4ª série do Ensino Fundamental e tinha sete irmãos, sendo cinco homens e duas mulheres. Três deles estavam abrigados por também terem sofrido violência sexual pelo mesmo agressor, o seu padrinho ligado à sua mãe. Laura tinha 14 anos, estava na 4ª série do Ensino Fundamental e vivia no abrigo desde os 12 anos. Tinha seis irmãos, sendo duas mulheres e quatro homens. Ela era a mais nova da família e estava abrigada por ter sofrido abuso sexual cometido por um dos seus irmãos mais velhos e por estar em situação de exploração sexual nas ruas.

Para a análise documental do caso aqui apresentado, foi feito um contato presencial, inicial, com a instituição e com os seus responsáveis, apresentando os propósitos da pesquisa, seus procedimentos, assim como os seus princípios éticos. Com o aceite da instituição foi assinado um Termo de Concordância da Instituição e a pesquisadora, durante três meses, três vezes na semana, durante um turno do dia, frequentou a instituição, ocupando uma sala compartilhada com alguns/mas policiais responsáveis pelos arquivos. Foram entregues, pela escritã responsável, 16 inquéritos para serem lidos no próprio local institucional. Na primeira leitura, foram realizadas anotações em um caderno sobre as informações registradas em relação às meninas envolvidas. Diante das inúmeras informações e do grande volume de folhas, foram feitos uma segunda leitura e o registro do conteúdo de forma literal em um *notebook*, a partir dos seguintes pontos, em formato de tabela no Word: origem do encaminhamento, identificação da denúncia, instituições envolvidas, vítimas, motivos, agressores/as e ações desenvolvidas. Esses itens foram criados por estarem

---

o processo de inserção da pesquisadora ao local do abrigo. Cabe ainda registrar que a realização da pesquisa foi submetida à Comissão de Pesquisa e ao Comitê de Ética da Universidade, aos quais a pesquisa estava vinculada. Para o material de pesquisa aqui analisado foram incluídos os registros dos diários de campo a partir de todo o processo de aproximação com as adolescentes, como a participação nas rotinas do abrigo e em suas rodas de conversas. Para a finalização desta etapa, a pesquisadora se colocou à disposição para apresentação dos resultados assim que, encerrada as suas análises, também a disponibilização da pesquisa completa após seu encerramento.

mais próximos da descrição padrão dos inquéritos lidos, facilitando assim o mapeamento dos casos e sua seleção para análise. Finalizada essa segunda etapa, foi feita uma terceira leitura para acompanhar se todas as informações necessárias tinham sido registradas.

O caso policial aqui analisado foi encaminhado pela 11ª Promotoria de Justiça da Infância e da Juventude de Porto Alegre e continha em seus registros várias denúncias anônimas no serviço telefônico do Governo Federal voltado para denúncias de violação aos Direitos Humanos, o Disque 100. Tinha como vítimas identificadas duas adolescentes, Paula de 11 anos e Sandra de 18 anos (ambos nomes fictícios). O agressor, identificado aqui na pesquisa como Carlos, de 60 anos, tinha dupla nacionalidade - brasileira e uma estrangeira -, foi acusado de estimular as crianças e adolescentes ao sexo e, em troca, oferecia dinheiro e bens, tanto para elas quanto para as suas mães. Este caso tinha um volume grande de páginas (cerca de 274), contendo depoimento de vizinhos/as, do acusado, das vítimas e de seus familiares, assim como material colhido na busca e apreensão realizada pela polícia na residência do acusado, como cartas de uma das mães que frequentavam a sua casa.

Para análise do material de pesquisa, na perspectiva metodológica aqui defendida a partir dos estudos pós-estruturalistas de gênero, alguns pressupostos foram utilizados, conforme aponta Meyer (2012), como colocar em questão a produção de verdades absolutas, homogêneas, naturalizadas, binárias, de causa e efeito para que, assim, insurjam as dúvidas, a relativização do saber e a desnaturalização dos fatos. E partir dessa perspectiva, foram analisadas narrativas sobre os investimentos eróticos de homens adultos em corpos infanto-juvenis em casos de violência sexual.

### **3 “Eles não podem ver gurias novas”: O fascínio de homens sobre os corpos infanto-juvenis**

Durante o acompanhamento de três adolescentes identificadas como vítimas de violência sexual, abrigadas em uma casa-lar, foram bastante recorrentes relatos sobre os olhares masculinos de homens adultos em espaços públicos sobre os seus corpos jovens. Tais olhares foram acompanhados de comentários e gestos eróticos, o que foi

sinalizado como algo desconfortável e temeroso ao estarem transitando nas ruas, em seus trajetos para a escola e para sua casa. Alguns desses assédios eram acompanhados de convites sexuais com ofertas financeiras, conforme a fala de Pâmela, uma das interlocutoras da pesquisa, ao mencionar os olhares masculinos sobre o seu corpo. Ao serem perguntadas sobre essa questão, Pâmela e Laura contribuíram com os seguintes diálogos:

- *Eles não podem ver guria nova. (Pâmela)*
- *Os homens tratam as mulheres mais velhas diferente? (Pesquisadora)*
- *Sim. (Pâmela)*
- *Por quê? (Pesquisadora)*
- *Por que nós temos mais corpo que elas (Pâmela)*
- *E qual é a estratégia que eles usam para se aproximar? (Pesquisadora)*
- *Eles mexem com a gente. (Pâmela)*
- *Eles oferecem carona. (Laura)*
- *Os homens são tarados (Pâmela).*

(Trechos do diário de campo registrado em 23 de outubro de 2015).

Moraes (1998), no seu estudo com meninas em situação de exploração sexual, menciona os “convites sexuais” como uma iniciativa feita por homens mais velhos às meninas, utilizando, para a troca sexual, dinheiro, roupas ou qualquer outro objeto de interesse da adolescente. Tal olhar, enquanto experimentação da sexualidade, também foi visto em meninas que almejavam estar em lugar de destaque, como em festas, para serem vistas, e para isso lançavam mão de danças e movimentos sexuais para “capturar” o olhar masculino (SERPA, 2018). De acordo com a autora, tal experiência é acompanhada de uma sensação de euforia pelas reações provocadas nos homens, quando elas estão nesse lugar de visibilidade e destaque. Ao fazerem parte desse processo, em que almejam serem vistas e desejadas, as meninas vão constituindo a sua feminilidade a partir do poder exercido pelo seu corpo jovem diante do olhar masculino. E este olhar, por sua vez, passa a ser entendido como inerente ao exercício da masculinidade, dentro de uma educação machista, que olha para as meninas e mulheres como meros objetos de desejo, como mostrou Pâmela, ao expressar a sua visão dos homens como “tarados”.

Segundo Verardo, Reis e Vieira (1999, p. 52), a sedução é uma forma de expressão da sexualidade e, nas meninas, isso é aprendido precocemente como uma maneira de chamar a atenção dos homens, sentindo-se “valorizadas em sua feminilidade”.

Em um estudo realizado por Miriam Goldenberg (2011), com mulheres no Rio de Janeiro, entre as idades de 50 e 60 anos, a sensação da perda da aparência jovem fez com que muitas delas se sentissem invisibilizadas com o avanço da idade, por não serem mais elogiadas por homens em espaços públicos, despotencializando, inclusive, a sua vida afetiva-sexual. Dessa forma, há uma preponderância dos corpos jovens no ideal de beleza, satisfação, reconhecimento e pertencimento, no que tange aos modelos hegemônicos de feminilidade. Pâmela, em sua fala, reconhece esse pertencimento, sendo uma delas a própria condição geracional em que se encontram: a juventude. Como Pâmela afirma, enquanto jovem, “tem mais corpo” referindo-se às mulheres mais velhas e, por isso, é mais vista, mais valorizada por homens adultos. Tal realidade é discutida por Felipe (2008), quando elabora o conceito de pedofilização como um processo no qual a criança, na nossa sociedade, é colocada como um objeto de desejo masculino e, por isso, a sua imagem é propagada, principalmente, nos meios de comunicação, com conotações sedutoras e erotizadas. Segundo Maria do Rosário Nunes (2009), esse modo de conceber a feminilidade irá influenciar a forma como mulheres adultas passam a investir na sua aparência, cada vez mais jovem. Para a autora, se, na imagem da criança, há a mulher provocadora, na mulher adulta, haverá a imagem infantilizada, com posturas que transmitem e misturam ingenuidade e sedução.

Martha Friederichs (2015), ao estudar as imagens femininas na tela de cinema, expressa o quanto tais imagens são retratadas a partir de uma visão “infantilizada”, tais como de inocência, desproteção e vulnerabilidade, como estratégia para seduzir e atrair o masculino. Essa relação estabelecida com a masculinidade parte da perspectiva do feminino como propriedade do homem para a satisfação do seu prazer. O fascínio sobre o corpo jovem parece movimentar o mercado do sexo, como pontua Felipe (2006) e Prestes (2014), ao discutirem a pornografia nas redes sociais virtuais. Essa valorização do corpo juvenil, como refere Landini (2004), na sua discussão sobre a

pornografia infantil, já nos anos 80, pode ser vista em um dos programas de maior audiência para o público infantil, o *Xou da Xuxa*. A autora segue a sua discussão citando uma minissérie chamada *Presença de Anita*, exibida pela Rede Globo no ano de 2001<sup>7</sup>, inspirada na obra literária de Nabokov, no qual a personagem adolescente *Lolita* é apresentada a partir de um forte teor de sensualidade e sedução. Anos mais tarde, a mesma emissora exibiu a série intitulada *Verdades Secretas*<sup>8</sup> (2015), em que uma das personagens principais, chamada *Angel*, é descrita como adolescente, estudante, virgem, vinda do interior para ser modelo na cidade grande. Na agência, além dos serviços de modelo, as meninas podem fazer uso do chamado “book rosa”, voltado para a prostituição, sendo essa uma modalidade considerada de “luxo”, abarcando adolescentes da classe média. O próprio codinome da protagonista, “Angel”, faz referência a essa imagem de anjo, atrelada, muitas vezes, à ideia de infância como símbolo de pureza e inocência. É essa imagem que exercerá forte fascínio no personagem masculino central, Alex<sup>9</sup>, um homem maduro, grande empresário, com alto poder aquisitivo, que, em vários momentos da série, mostra-se encantado e atraído pela beleza de Angel, em detrimento das outras mulheres disponíveis na agência, por conta do “jeito menina” de ser, como o personagem narra em um dos episódios. Angel é narrada como inexperiente, ingênua, desamparada tanto afetivamente pela figura paterna, ausente na vida da adolescente, como no aspecto financeiro (SERPA, 2018). Por outro lado, as personagens mais velhas, como a mãe de Angel, e a dona da agência, em vários momentos, são desqualificadas pelo personagem Alex por serem velhas e, por isso, não merecedoras de um amor e respeito por parte de um homem como ele. A associação da feminilidade com a imagem de “pureza” e “inocência” trazida pela ideia desse “jeito menina”, como já apontado por Friederichs (2015), expõe o investimento

---

<sup>7</sup> Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u15817.shtml>, acessado em 31 de maio de 2022.

<sup>8</sup> Disponível em <https://globoplay.globo.com/verdades-secretas/t/pck9rfsNj5/>, acessado em 31 de maio de 2022.

<sup>9</sup> O ator escolhido para o personagem, Rodrigo Lombardi, é considerado um galã e já fez vários papéis na emissora como tal, ganhando visibilidade nas grandes mídias não só por sua interpretação, mas também por seus atributos físicos. Nessa minissérie, segundo o *site*, o personagem Alex tinha uma aceitação positiva das telespectadoras, por conta do seu charme. Disponível em <http://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/2015/09/walcyrr-carrasco-desvenda-sucesso-de-alex-o-personagem-tem-cara-do-rodri-go-lombardi.html> acessado em 31 de maio de 2022.

erótico por parte dos homens em relação aos corpos infanto-juvenis, ao vê-los como objetos de dominação, em que a prática sexual é vista como um exercício de poder. Ainda sobre a série *Verdades Secretas*, o personagem Alex, na iminência de perder a sua relação com Angel, usa e abusa de seu poder econômico e de sua capacidade de sedução. Tal poder ainda é mais maximizado por ocupar a figura de padrasto de Angel, o que nas experiências de violência/abuso sexual, os limites entre proteção e violação são extrapolados ao burlar as fronteiras das relações afetivas entre as vítimas e agressores, tornando ainda mais complexos os efeitos dessa violência em quem a sofre (SERPA, 2022).

Outro aspecto que merece atenção quando discutimos a questão do poder aquisitivo como moeda de troca para obtenção de favores sexuais, diz respeito aos sites de relacionamento. Aqui citamos o exemplo do site *Diamond Club: o site que liga milionários a mulheres bonitas*<sup>10</sup>, fundado na Dinamarca. Como o próprio título aponta, ele é voltado para homens com alto poder aquisitivo e mulheres consideradas belas. Para estas, a exigência está na sua beleza que precisa ser comprovada, segundo o *site*, por um controle rigoroso de fotos do corpo e rosto. Já aos homens, a exigência é o alto pagamento para ter acesso ao cadastro, diferente do preço pago pelas mulheres, bem inferior em comparação aos homens. Tal fato mostra o quanto o poder aquisitivo ainda se constitui como um forte marcador da masculinidade, almejado também por muitas mulheres jovens.

Em uma das descrições de James (nome fictício), profissional de um dos abrigos pesquisados, sobre a sua percepção de meninas em situação de exploração sexual, ele descreveu que, nessa prática, a fragilidade e a inocência exercem um fator de atração para o masculino, percebidas nos atendimentos realizados com homens envolvidos nas situações de violência sexual que ele pode acompanhar. Esse exercício de poder é uma questão central na discussão sobre a violência sexual. Na literatura clássica sobre o tema, uma das maiores características dessa prática consiste na relação de desigualdade de poder estabelecida entre o agressor e a vítima, pois esta última estaria na condição de pobreza e exclusão. Além disso, por serem crianças e adolescentes,

---

<sup>10</sup> Disponível em <https://maisdetrinta.com.br/mais-digital/diamond-club-o-site-que-liga-milionarios-mulheres-bonitas/> acessado em 31 de maio de 2022.

estando em situação de crescimento e desenvolvimento, elas se tornam ainda mais vulneráveis (FALEIROS, 2004; LIBÓRIO, 2004). Já o adulto, munido de estratégias sedutoras, demarca seu lugar de maior poder com a oferta de dinheiro e bens, assim como no acesso a espaços até então pouco conhecidos ou frequentados pelas meninas e adolescentes envolvidas, como *shoppings*, lojas, restaurantes, hotéis, etc. (SERPA, 2009).

No material documental, aqui analisado, foi possível identificar, a partir de denúncias anônimas feitas sobre o caso de exploração sexual, a oferta de dinheiro por parte do acusado em questão:

“O acusado estaria levando meninas de 12 a 15 anos para relacionamento em seu apartamento no bairro X, aborda meninas na rua, oferece dinheiro e entrega em torno de 200 a 300 reais, após leva para shopping e gasta muito dinheiro com roupas com as meninas. Que ele é viciado em cocaína e tem muito dinheiro. Que já faz mais ou menos 08 meses que o acusado vem fazendo essas abordagens nas meninas. Ele tem nacionalidade brasileira e YYY e a qualquer momento pode voltar para Y (país de origem) [...] (Denúncias anônimas no disque 100, registrado no Caso 2, material documental). “[...] Nota-se movimento de jovens e adultos, até mesmo crianças, possivelmente entre 08 e 12 anos. [...] O suspeito reside sozinho no imóvel e que ele próprio afirma que já teve relações sexuais com crianças as quais entram e saem sozinhas do prédio, onde permanece por várias horas no local e até mesmo pernoitam. (Denúncias anônimas no disque 100, registrado no Caso 2, material documental).

Nesse registro, as denúncias destacam o envolvimento sexual do acusado, aqui chamado de Carlos, com crianças e adolescentes, e a sua estratégia para aproximar-se delas, como a oferta de dinheiro, roupas e acesso a locais de consumo, como o *shopping*. Bárbara (11 anos), nome fictício de uma das adolescentes descritas em um dos inquéritos estudados, em seu depoimento a uma das instituições de proteção em Porto Alegre, narra os efeitos nela dessa oferta feita por Carlos, expondo, assim, o poder de sedução dessas práticas para a aproximação de crianças e adolescentes:

O acusado lhe dava presentes (roupas, brinquedos, maquiagem, gastou 3.000 reais no shopping com a vítima). “Quando meu pai descobriu que eu estava indo na casa do acusado e ganhando presentes

dele, não gostou e não deixou eu ir mais lá” [...]. “O pai e avó desconfiam que ele seja pedófilo” [...]. Ele me ligava várias vezes na madrugada. Em casa, o acusado estava sempre de cueca e de óculos escuros, eu e várias crianças o vimos assim. O CT [Conselho Tutelar] nos chamou dizendo que havia uma denúncia que a minha mãe me vendia para o acusado. Eu acho que ele abusa das crianças, por isso eu fechava a porta do quarto. [...] Às vezes ele ia na escola me procurar, levando objetos dizendo que eram meus. [...] Paula mostrou não ter consciência de que poderia ser abusada, aceitando investidas pelos ganhos secundários que obtinha e influência de familiares (mãe e tia negligentes nos cuidados). (Relato do depoimento de Paula uma das instituições de proteção, registrado no Caso 2 do material documental).

No próximo recorte, trata-se de uma carta encontrada na casa de Carlos pela polícia, na qual a mãe escreve sobre o sentimento da filha a respeito dos bens recebidos por outra menina envolvida com Carlos:

Com (o acusado) ele deu para a filha da X roupas caras, cachorro caro, deu uma cirurgia cara e comprou vários móveis para X, mãe o que elas tem que eu não tenho. Pois gosto muito do pai (acusado) ele é engraçado, divertido, por isso que eu gosto de ir no apartamento. (Carta de uma mãe encontrada pela polícia na casa do acusado, registrado no Caso 2 do material documental).

Nos dois recortes aqui apresentados, é possível identificar as estratégias de sedução utilizadas por Carlos ao fazer uso do seu dinheiro em compras voltadas para atender aos desejos de consumo das crianças e das adolescentes envolvidas, assim como das mães, com a intenção de ter, em troca, o seu desejo sexual satisfeito ou até mesmo a manutenção desse seu lugar de poder. Em alguns momentos da descrição da adolescente, apesar das evidências reconhecidas por ela do acusado como abusador, ainda paira uma dúvida sobre a sua análise quando menciona “eu acho”, dando a entender, para as profissionais responsáveis pelo parecer, a ausência de seu conhecimento sobre o fato, exatamente por descrever e reconhecer o ganho obtido com o acusado. Como já abordado, a criança e a adolescente, por meio dos bens alcançados nessa troca sexual, passam a ter um reconhecimento diante da família por propiciarlhes esses ganhos, além do fascínio despertado pelo acesso ao consumo, como o gasto descrito de três mil reais no *shopping* por Bárbara.

No outro relato, o acusado é descrito como engraçado, divertido, fazendo com que seus comportamentos abusivos não sejam vistos como violentos. Além disso, utilizava estratégias de erotização, como exibir filmes de meninas virgens sendo abusadas. O público-alvo dessa sedução são meninas com menor poder aquisitivo, sendo isso uma das formas de maximizar o poder do abusador. Como discutido na ideia sobre pedofilização (FELIPE, 2003, 2006), para além da perspectiva da patologização sobre a ideia da pedofilia e da figura do pedófilo, cabe questionar os elementos culturais e sociais que norteiam as questões sobre infâncias, feminilidades e masculinidades.

Se, por um lado, há o aumento dos discursos e das lógicas de proteção a crianças e adolescentes, por outro, há uma proliferação da imagem erotizada, especialmente, de crianças e adolescentes do gênero feminino, nas grandes mídias. Em 2015, o debate foi reacendido pela divulgação das imagens da menina MC Melody, de apenas oito anos na época da publicação da matéria<sup>11</sup>, que surgia como cantora de funk, empresariada pelo próprio pai. Em uma das fotos a menina aparecia acompanhada de uma mala de dinheiro, além divulgar fotos sensuais em sua página do *Facebook*. Numa dessas postagens, comentários de internautas se referem a ela como “*delicinha*” e “*monumento de mulher*”. Em outro, é feita referência ao seu poder aquisitivo e ao desejo despertado em homens, atrelando, assim, dinheiro, sucesso e desejo na imagem da criança em questão. Segundo a matéria abordada, tal fato foi acompanhado de indignação por parte de grupos feministas e muitos/as usuários/as, o que acabou gerando denúncias ao servidor do *Facebook*. O pai de Melody, também MC, nessa matéria, buscou explicar o seu investimento na carreira de sua filha, o apoio da família e sua supervisão em todo o processo, desde a assessoria dos *shows* e divulgação nas grandes mídias, como no acompanhamento à escola. Em sua fala sobre as críticas a respeito da publicização das imagens de sua filha, justificou-se, alegando preconceito ao *funk*, não reconhecendo essa prática nem como “trabalho infantil”, considerado

---

<sup>11</sup> Disponível em <https://extra.globo.com/noticias/brasil/mc-melody-de-8-anos-causa-polemica-pai-defende-so-porque-ela-canta-funk-15737518.html> acessado em 31 de maio de 2022.

crime, segundo o ECA, nem como vulnerabilizadora para sua filha, quando mencionou saber da possibilidade de “pedófilos” serem seguidores do trabalho dela.

Outro caso de grande repercussão nas mídias foi por conta dos comentários de internautas sobre uma menina, Valentina, de 12 anos, participante de um programa de culinária chamado *MasterChef Júnior*<sup>12</sup>, exibido pela emissora Bandeirantes, a respeito de sua beleza, provocando inúmeros comentários machistas de cunho sexual, tais como: “*Panela nova é que faz comida boa*”, mostrando, assim, o apelo sexual atrelado à sua aparência infanto-juvenil. Nesse caso, tal questão não foi acionada por cenas ou gestos erotizados, como nas imagens propagadas da Mc Melody, mas pelo simples fato de Valentina ser uma criança. Em entrevistas mais recentes, Valentina, agora com 18 anos, relata os efeitos negativos dos assédios sexuais sofridos e da perpetuação deles em abordagens públicas e comentários em posts em suas redes sociais<sup>13</sup>. Assim, apresenta-se, mais uma vez, essa cultura da pedofilização, na qual a infância é alvo de investimento erótico por parte de adultos homens de forma muito precoce, como referido nos casos em questão, assim como de investimento financeiro quando se faz uso dessa imagem para a obtenção de dinheiro. Essa questão também é problematizada no texto *A novinha é apenas uma criança*<sup>14</sup>, quando relata vários episódios publicizados nas grandes mídias, principalmente virtuais, dentre eles, o caso da menina funkeira e do programa *MasterChef*, aqui mencionados. Os concursos de beleza voltados para o público infanto-juvenil é um dos outros pontos mostrados no texto, tendo como um dos apelos publicitários para o evento, na descrição de uma das candidatas, a sua qualidade em “sensualizar”.

A espetacularização da beleza em concursos voltados para concursos de *miss* para crianças foi abordada em um estudo feito por Carvalho e Serpa (2014) com esse público, mostrando o quanto há de investimento na indústria de cosméticos e na área da saúde para contribuir para essa busca por uma beleza “perfeita” desde muito cedo, em crianças. Como ganho por sua vitória pela beleza, a *miss* infantil passa a acessar

---

<sup>12</sup> Disponível em [https://www.purepeople.com.br/noticia/masterchef-junior-concorrente-de-12-anos-e-alvo-de-comentarios-pedofilos-na-web\\_a81823/1](https://www.purepeople.com.br/noticia/masterchef-junior-concorrente-de-12-anos-e-alvo-de-comentarios-pedofilos-na-web_a81823/1) acessado em 31 de maio de 2022.

<sup>13</sup> Disponível em <https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/na-minha-pele---valentina-schulz/#end-card> acessado em 08 de junho de 2022.

<sup>14</sup> Disponível em <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2016/05/novinha-e-apenas-uma-crianca.html?status=500> acessado em 31 de maio de 2022.

com mais facilidade o mercado do consumo por meio de presentes, muitos deles, voltados para as lógicas de embelezamento, como roupas, acessórios, maquiagem e muita visibilidade em espaços de divulgação para esses produtos patrocinadores do seu percurso enquanto *miss*. Essa infância, aqui discutida, seja pela sua beleza atrelada a elementos de sensualidade, seja por ser alvo da lógica do consumo, é fenômeno que está em forte evidência, como mostra a perpetuação dessa imagem nas grandes mídias já mencionadas. Como discorrido, a família se apropria dessa lógica sobre a infância para obter sucesso e dinheiro com essa imagem produzida sobre o corpo infantil, criando, assim, uma linha muito tênue entre esses episódios retratados sobre crianças e os ganhos obtidos com a sua imagem e as situações de exploração sexual.

Voltando ao caso documental aqui apresentado, é possível constatar esse efeito do corpo infanto-juvenil enquanto objeto sexual para adultos da mesma forma com que é impulsionado pela forte demarcação não só geracional, como de classe social. Carlos era visto como um homem de muitas posses, e isto despertava interesse nas crianças e nas adolescentes envolvidas (assim como nas suas famílias). Nos casos retratados por Trindade (2005), em seu livro sobre meninas em situação de exploração sexual, estas, em várias situações, recorreram aos seus clientes mais velhos, com idades semelhantes ao de Carlos, exatamente por ver neles essa condição financeira superior, principalmente a certeza de que conseguiriam, com eles, o dinheiro desejado, sem necessariamente ter o sexo sempre envolvido. Nos depoimentos expressos, parece que o ato de pedir dinheiro em si a esses homens já produz efeitos nessa relação afetivo-erótica quando se presentificam as relações de poder nesses casos marcados pelas desigualdades financeiras e geracionais. Tal situação confere a esses homens um lugar de destaque e importância e, por outro lado, demarcam, nessas meninas, o poder da sua moeda de troca: o seu corpo infanto-juvenil. A jovialidade do seu corpo somada à sua desigualdade social parece ser uma combinação significativa para despertar o desejo em alguns homens.

No estudo realizado por Almir Nabozny (2013), o autor questiona se o “corpo pobre” exerce um poder em alguns homens, levando-os à oferta de dinheiro diante dessa situação. Para ele, esse corpo, na rua, exposto, ocupa um lugar mais favorável a

essa oferta para a troca comercial do sexo, principalmente se há sinalizadores dessa pobreza, como crianças e adolescentes vendendo produtos ou pedindo dinheiro em esquinas e semáforos.

No seu estudo realizado com dois clientes que faziam uso da exploração sexual infantil, Julia Davidson (1998) aborda os desejos e as expectativas inerentes a esses homens em sua busca por crianças e adolescentes para a prática do sexo. Para a autora, nesses clientes, a vulnerabilidade representada na condição geracional e social de crianças e adolescentes pobres é o forte elemento erotizador. Nos dois casos, eles rejeitam as prostitutas adultas, principalmente do primeiro mundo, por elas terem mais autonomia nas negociações ao determinarem o preço e o serviço de maneira mais clara e específica. Nessa relação, sentem não ter o controle da situação e, por isso, o seu poder fica restrito. Porém, com as crianças e as adolescentes de países pobres, eles descrevem como mais afetivas e responsivas às demandas deles, dando mais destaque ao seu poder, principalmente referente ao dinheiro. Um desses clientes relatou ter orgulho desse poder aquisitivo perante as crianças e as adolescentes do “terceiro mundo”. Para um deles, o preço do sexo é mais estipulado por ele, diferente de como é feito com as prostitutas adultas, muitas vezes, negociado, além de dinheiro, com roupas ou pagamento de transporte. Apesar de os participantes destacarem a vulnerabilidade dessas crianças e adolescentes no que se refere à desigualdade social, numa tentativa de se livrar de sua responsabilidade nesse processo, retomam a ideia da participação ativa das meninas quando as descrevem como conhecedoras do lugar assumido nesse processo, assim como as adultas. Além disso, para eles, tais garotas se aproveitam, na prática da prostituição, da necessidade masculina para o sexo, reiterando o *script* já referido sobre a masculinidade cisheteronormativa. Interessante perceber que tais homens não se veem como exploradores sexuais de meninas e adolescentes, atribuindo a elas a prática da “prostituição” como algo consciente.

Dessa forma, tendo em vista as desigualdades aqui discutidas, seja pela questão geracional seja de classe social, as crianças e as adolescentes vão sendo constituídas por uma feminilidade pautada pela erotização e exploração sexual de seus corpos, de modo que tais atributos acabam por constituir suas subjetividades. Por outro lado, tal fato acaba legitimando uma masculinidade cis-heteronormativa, que tem como uma

de suas principais características essa ideia de que os homens possuem uma sexualidade exacerbada, “animalesca”, agressiva. Como observa a pesquisadora Adriane Câmara (2007), a masculinidade heterossexual é construída culturalmente, sendo conduzida por determinados roteiros disponíveis no mercado, equivalendo a uma relação pedagógica de ensino-aprendizagem, onde os homens vão aprendendo sobre o que devem gostar, como devem comportar-se (em termos de preferências, incluindo as preferências sexuais) e especialmente como se comportar sexualmente.

Se, por um lado, as meninas, ao transitarem pelo erotismo e pela sensualidade, buscam atrair o olhar do outro como exercício da sua feminilidade, por outro, os homens em questão necessitam demonstrar esse olhar, buscando satisfação do seu desejo sexual por meio de um corpo jovem, como forma de exercer uma masculinidade tida como hegemônica.

Para Nabozny (2013, p. 33), a exploração sexual comporta uma complexidade de símbolos envolvendo lógicas capitalistas de consumo presentes nos processos de erotização precoce e no “desejo de consumir este erotismo fantasioso por parte do homem adulto”. Para o autor (ibid.), tal complexidade reside nesse emaranhado de aspectos – sociais, econômicos, culturais e psicológicos – que se retroalimentam para que se mantenham existindo, apesar de, muitas vezes, o enfoque dado na “prostituição” recaia mais na figura das meninas e dos meninos envolvidas/os do que nessa produção de desejo focada no corpo infanto-juvenil e do seu acesso pela via do consumo. Assim, os desafios para o enfrentamento das violências sexuais contra crianças e adolescentes se maximizam diante dessa lógica, que se retroalimenta e se fortalece numa conjuntura social e cultural.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo buscou analisar, a partir da narrativa de duas interlocutoras adolescentes vítimas de violência sexual e de um inquérito policial que investigou denúncias de exploração sexual, como crianças e adolescentes do gênero feminino vivenciaram experiências de forte investimento erótico de homens adultos e/ou

velhos sobre os seus corpos. Questionou como o prazer e o desejo sexual de homens por mulheres mais jovens e mormente pobres atrela-se aos exercícios de poder interpelados pelos marcadores geracionais e de classe social.

O forte investimento erótico no corpo jovem feminino retratado neste estudo perpassou desde as pedagogias de gênero e de sexualidade propagadas em grandes mídias, músicas, novelas, como também nas relações afetivas, desde as figuras masculinas mais próximas, como padrinho e irmão, como homens mais velhos com alto poder aquisitivo. Esses processos, desde muito cedo, inscritos em seus corpos, desconsidera a sua subjetividade e a sua condição de desigualdade geracional e de classe social. Pela assimetria de poder, alguns homens buscam reafirmar a sua masculinidade heteronormativa, discutida aqui através do conceito de pedofilização, perpetrando uma sexualidade vista como “desenfreada” e facilmente cedida aos “apelos” femininos juvenis. Diante desses corpos, cabe acessá-los mesmo que, com isso, rompa-se com as normativas dos Direitos Humanos que classificam tal prática, a violência sexual, como crime.

Dessa forma, nessas situações, cabe questionar tal modelo de masculinidade hegemônica, que acaba por legitimar essas práticas sexuais com o público infanto-juvenil como algo constitutivo desta sexualidade. Por outro lado, as meninas, desde a tenra idade, passam a entender o seu corpo jovem enquanto objeto de desejo e reconhecimento social nas relações afetivo-sexuais com o gênero masculino, e assim, alvo privilegiado para a violência sexual.

Em um cenário de desigualdades sociais e de gênero, as vítimas desta violência acabam por ter que lidar não só com a agressão em si, mas com toda a reverberação desta situação, nem sempre favorável e acolhedora às vítimas, como nos processos recorrentes de culpabilização das meninas e desresponsabilização dos agressores. Assim, tensionar os processos de pedofilização e os seus efeitos perversos na constituição das feminilidades de meninas jovens torna-se fundamental para o enfrentamento das violências sexuais contra crianças e adolescentes. Da mesma maneira, faz-se necessário trazer para a discussão as pedagogias de gênero que favorecem uma masculinidade pautada no exercício da imposição de sua sexualidade,

desconsiderando a realidade de desigualdade de gênero, racial e de classe social das mulheres, e geracional no caso de crianças e adolescentes.

## REFERÊNCIAS

CÂMARA, Adriana Peixoto. Gênero e sexualidade na revista Sexy : um roteiro para a masculinidade heterossexual. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

CARVALHO, Isis Alves; SERPA, Monise Gomes. Corpo e Embelezamento: a Criança Participante de Concurso de Beleza. **Psicologia ciência e profissão**; 34(2);835-849, 2014.

DAVIDSON, Julia O'Connell. **Prostitution, Power and freedom**. Michigan: University of Michigan, 1998.

FALEIROS, Vicente de Paula. O fetiche da mercadoria na exploração sexual. In: LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra; SOUSA, Sônia M. Gomes (Orgs.). **Exploração sexual de crianças e 226 adolescentes no Brasil: reflexões teóricas, relatos de pesquisa e intervenções psicossociais**. São Paulo: Casa do Psicólogo e Goiânia, Brasil: Universidade Católica de Goiás, p.51-72, 2004.

FELIPE, Jane. Afinal, quem é mesmo pedófilo? **Cadernos Pagu**, v. 26, jan./jun., p. 201-223, 2006.

\_\_\_\_\_. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (org.). **Corpo, gênero, sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GOLDENBERG, Mirian. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. **Revista Contemporânea**, v. 9, n. 18, p. 77-85, 2011.

IZIDRO, Lucio; FELIPE, Jane. O que precisamos saber sobre pedofilia e pedofilização: aspectos médicos, jurídicos e culturais. In: SÁ-SILVA, Jackson R.; SANTOS, Marcos Eduardo M.; SILVA, Yuri Jorge A. (org.). **A discussão da pedofilia no campo da Educação**. São Leopoldo: Oikos, p. 23-40, 2018.

LANDINI, Tatiana Savoia. A pornografia infantil na internet: uma perspectiva sociológica. In: LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra; SOUSA, Sônia M. Gomes (Orgs.). **Exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil: reflexões teóricas, relatos de pesquisa e intervenções psicossociais**. São Paulo: Casa do Psicólogo e Goiânia, Brasil: Universidade Católica de Goiás, p. 165-182, 2004,

LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra. Exploração sexual comercial infanto-juvenil: categorias explicativas e políticas de enfrentamento. In: LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra; SOUSA, Sônia M. Gomes (Orgs.). **Exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil: reflexões teóricas, relatos de pesquisa e intervenções psicossociais**. São Paulo: Casa do Psicólogo e Goiânia, Brasil: Universidade Católica de Goiás, p.19-50, 2004.

NABOZY, Almir. **Meninas prostituídas e suas geo-grafias**. Jundáí: Paco, 2013.

NUNES, Maria do Rosário. Pedofilização e mercado: o corpo-produto de crianças e adolescentes na era de direitos. **Dissertação (Mestrado em Educação)** – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PRESTES, Liliane Madruga. Enredadas na rede: jogos para crianças (re)produzindo relações desiguais de gênero. **Tese (Doutorado em Educação)** – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

QUAYLE, Etel; LOOF, Lars; PALMER, Tink. Child pornography and sexual exploitation of children online. In: CONGRESSO MUNDIAL DE ENFRENTAMENTO DA EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES, 3., 2008, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro, nov. 2008.

ROST, Mariana; VIEIRA, Miriam Steffen. Convenções de gênero e violência sexual: A cultura do estupro no ciberespaço. **Contemporânea: Revista de Comunicação e Cultura**, v. 13, n. 2, p. 261-276, set. 2015.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual**. 2003. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SERPA, Monise. O “lobo mau” ronda a casa: quando a proteção vira erotização nos casos de violência/abuso sexual. In: SEFFNER, Fernando; FELIPE, Jane (org.). **Gênero e sexualidade: (im)pertinências**. Petrópolis: Vozes, p-116-137, 2022.

SERPA, Monise. "Eles ficam loucos com nós": as lógicas de corpo e gênero em adolescentes exploradas sexualmente. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 1-18, jan. 2018.

TRINDADE, Eliane. **As meninas da esquina**. São Paulo: Record, 2005.

VERARDO, Maria Tereza; REIS, Marcia S. Farah; VIEIRA, Rosângela Mendes. **Meninas do porto: mitos e realidade da prostituição infanto-juvenil**. São Paulo: Nome da Rosa, 1999.

XAVIER, Antonio Jeferson Barreto. *“Ali é o Satanás que está manifestado”, “Vira homem, tenta ficar com uma menina”*: masculinidades, docência e pertencimento religioso na cidade sol. 215 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.